

Os desafios à paz no mundo e na América Latina

Por Wevergton Brito Lima, vice-presidente do Cebrapaz

Estimados companheiros, estimadas companheiras,

Começo agradecendo ao ICAP pela recepção calorosa e pela competente e exitosa organização deste 7º Seminário Internacional pela Paz e pela abolição das Bases Militares Estrangeiras. Em nome do Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz (Cebrapaz), saúdo também todos os defensores e defensoras da paz mundial e da luta anti-imperialista aqui reunidos.

Camaradas,

A humanidade vive sérias ameaças que colocam em perigo sua própria existência. A devastação do meio-ambiente pelo modo de produção hegemônico provoca rápidas mudanças climáticas que representam grave risco à sobrevivência de milhões de seres humanos e as ameaças militares aumentam à medida em que cresce a agressividade do imperialismo decadente.

O Instituto Internacional de Estocolmo de Pesquisas para a Paz divulgou, no último dia 24 de abril, que os gastos militares mundiais pela primeira vez na história ultrapassaram os USD 2 trilhões, alcançando, em 2021, USD 2,113 trilhões. Este é praticamente o valor somado dos PIBs das três maiores economias da América do Sul: Brasil, Argentina e Chile. Este gasto indecente com armas de guerra tem uma participação amplamente majoritária do imperialismo estadunidense, que sozinho responde por 39% deste valor recorde.

O atual conflito no Leste da Europa, envolvendo Otan, Estados Unidos, Rússia e Ucrânia, com certeza fará com que este número, já macabro, seja ainda mais elevado em 2022.

Como sabem todos os presentes, os centros imperialistas enfrentam uma duradoura crise econômica desde 2007/2008, que foi potencializada de forma dramática pela pandemia de Covid-19, surgida em 2020. A

pandemia acelerou o quadro de transição mundial marcado pela ascensão de novos atores, nomeadamente China e Rússia e desnudou o caráter desumano do neoliberalismo, que durante a pandemia privilegiou o lucro em detrimento da vida.

Os países socialistas e com governos anti-imperialistas trilharam outro caminho, deram prioridade à saúde da população e ao internacionalismo solidário, como foram exemplos radiosos a China e principalmente nossa heroica Cuba.

O cenário internacional é atualmente marcado pelo tenaz combate multidimensional que os EUA empreendem contra a República Popular da China, tendo como uma meta subsidiária, mas igualmente importante, a contenção da Rússia.

Por conta disso, o imperialismo tem incrementado seus meios de intervenção. Aos instrumentos clássicos utilizados acrescenta-se a guerra híbrida. A guerra híbrida significa o uso, pelo imperialismo, de métodos novos conjugados com a potencialização de métodos antigos levados a um novo patamar, graças aos recursos tecnológicos e de inteligência artificial.

É neste contexto geopolítico que China e Rússia formaram uma aliança estratégica e no dia 4 de fevereiro deste ano lançaram uma histórica declaração conjunta que propõe uma nova era nas Relações Internacionais, marcada pela defesa do multilateralismo.

Já o imperialismo, repetindo o que fez no passado, aposta mais uma vez no fascismo e na guerra. A Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) é um instrumento de primeira linha para este objetivo. Em junho, na cúpula em Madri, a Otan definirá seu novo “conceito estratégico”, que será com certeza ainda mais ameaçador e belicoso.

Esta cúpula da Otan deve ser, em nossa opinião, um momento valioso de mobilização e denúncia por parte dos defensores da paz mundial.

O expansionismo da Otan e sua vocação agressiva a serviço do imperialismo são a causa direta da atual tragédia no Leste Europeu.

Quando teve início a operação militar especial da Rússia na Ucrânia, o Cebrapaz emitiu uma declaração pública da qual vou ler um pequeno trecho:

“A paz deve ser o objetivo imediato e urgente a ser alcançado (...)

O Cebrapaz defende:

Um cessar-fogo que construa o ambiente de diálogo.

Uma solução política para o conflito que contemple as preocupações de segurança da Rússia e desmantele os grupos neonazistas.

O fim da política de provocações e guerra da Otan/EUA”.

Companheiros e companheiras,

Em nossa América Latina o imperialismo também não descansa. Cuba continua sendo alvo do mais vil e criminoso bloqueio e de constantes ataques, financiados a peso de ouro por Washington. Contra governos que não se conformam com as ordens do império as provocações se sucedem ininterruptamente.

Os preceitos da proclamação adotada pela Celac em Havana, em janeiro de 2014, da América Latina e do Caribe como Zona de Paz, estão ameaçados.

Porém, existe uma reação popular, expressa pela luta nas ruas e pela derrota de candidaturas abertamente de extrema-direita e pró imperialistas em diversos países da América Latina. Líderes de esquerda e de centro esquerda venceram recentemente eleições no Chile, em Honduras e no Peru, somando-se aos governos progressistas da Bolívia, Nicarágua, Argentina, México, Cuba e Venezuela que venceram eleições, derrotaram golpes ou resistiram vitoriosamente a cercos e provocações.

Na Colômbia vivemos uma situação de excepcional importância. Nestes quatro meses de 2022 mais de 50 líderes sociais e defensores dos direitos humanos foram assassinados. Mesmo com essas ameaças e intimidações, Gustavo Petro, representando o Pacto Histórico, é o favorito para as eleições presidenciais de 29 de maio. Propomos que as entidades defensoras da Paz organizem, no âmbito do Conselho Mundial da Paz, uma delegação de alto nível para acompanhar as eleições colombianas.

Também no Brasil, as pesquisas indicam o favoritismo de Luís Inácio Lula da Silva nas eleições de outubro. Caso Petro e Lula vençam, a correlação de forças volta a um patamar mais favorável para a defesa da soberania nacional, da democracia, da justiça social e da unidade e integração Latino-Americana, com o fortalecimento da Celac.

Companheiros e companheiras,

O Brasil, como sabem, desde maio de 2016, com o golpe de estado contra a presidenta Dilma Rousseff, vive sob forte ofensiva reacionária, que prendeu Lula e permitiu a eleição de Jair Bolsonaro, um personagem de extrema-direita.

No plano externo, o governo Bolsonaro, que assumiu em janeiro de 2019, aprofundou a linha já implementada pelo golpe de 2016 de subordinação aos interesses do imperialismo. Adotou um histórico discurso anti-Cuba e principalmente anti-Venezuela, país com o qual Bolsonaro rompeu relações diplomáticas e ao qual fez repetidas provocações. Seguindo os passos de Donald Trump, prometeu transferir a embaixada brasileira em Israel para Jerusalém, o que não logrou concretizar. Assinou com o governo dos EUA, em 2019, um Acordo de Salvaguardas, que permitirá o uso do Centro de Lançamento de Alcântara, no Maranhão, pelos estadunidenses. Embora este centro de lançamentos de foguetes espaciais não seja uma base militar estrangeira, sabemos que os interesses estadunidenses nunca são desvinculados da ideia de domínio e submissão.

Desde a eleição de Bolsonaro, hoje já no seu quarto ano de mandato, são sucessivos os ataques à frágil democracia brasileira, o incentivo estatal ao discurso do ódio e da intolerância, o desmantelamento do estado nacional, o ataque aos sindicatos e movimentos sociais e aos direitos dos trabalhadores. Enfim, vivemos durante este período, uma regressão política e civilizatória sem precedentes, com resultados desastrosos.

Na pandemia, o comportamento do governo Bolsonaro foi criminoso, subestimando a importância das recomendações sanitárias, boicotando as vacinas e promovendo todo tipo de visão anticientífica, resultado: o Brasil atinge a marca de mais 660 mil mortes por covid e mais de 30 milhões de infectados.

Mas o povo brasileiro não assistiu inerte a esta situação. Houve luta e mobilização. Lula foi libertado e inocentado de todas as falsas acusações e agora, diante da possibilidade de ser derrotado eleitoralmente, Bolsonaro, contando com o apoio de importantes setores das Forças Armadas, recrudescer os ataques à democracia, ameaçando não reconhecer os resultados das urnas.

Durante todo este período do golpe e do governo Jair Bolsonaro, o Cebrapaz fez parte da Luta de Resistência, ressaltando em todas as ocasiões a necessidade de ligar as lutas locais às pautas internacionais em defesa da paz e dos povos agredidos pelo imperialismo. Nossa entidade defende que a derrota de Bolsonaro deve ser a grande bandeira da unidade popular.

Estimados companheiros e companheiras,

As bases militares estrangeiras são a expressão concreta do modo de dominação imperialista e neocolonial. Estamos próximos de um dos exemplos mais infames: a base de Guantánamo, iniciativa usurpadora e criminosa dos EUA, usada por estes falsos “campeões dos direitos humanos”, como centro de tortura.

Contra as bases militares estrangeiras devem se levantar todos os patriotas, democratas e internacionalistas. Propomos que, tendo como vértice o Conselho Mundial da Paz, articulemos de forma ampla o fortalecimento da campanha contra bases militares estrangeiras na América Latina. Por exemplo, em 2021, o Congresso Bicentenário dos Povos, realizado na República Bolivariana da Venezuela, aprovou um “Plano de Ação contra a expansão de bases militares norte-americanas no mundo”. Esta é uma típica ação que pode convergir com os esforços comuns em torno desta campanha.

Encerro dizendo que saudamos e apoiamos o esforço do governo cubano, liderado por Miguel Díaz-Canel e pelo Partido Comunista de Cuba, que promove a atualização econômica visando fortalecer o socialismo, respondendo criativamente aos desafios impostos pelo bloqueio imperialista que, mais cedo do que tarde, será derrotado.

O imperialismo pode bloquear muita coisa, mas jamais impedirá que chegue a Cuba toda solidariedade e amor que temos por esta terra de paz e liberdade.

Obrigado pela atenção.